



DEUS PRA QUÊ?

UMA REFLEXÃO SOBRE A FÉ
E O AUTOCONHECIMENTO

AUGUSTO ERIC AUAD

AUGUSTO ERIC AUAD

DEUS PRA QUÊ?

UMA REFLEXÃO SOBRE A FÉ E O AUTOCONHECIMENTO

FORTALEZA - CE

- 2016 -

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
(CIP)**

Auad, Augusto Eric

Deus pra quê? Uma reflexão sobre a fé e o autoconhecimento / Augusto Eric Auad. – Fortaleza, CE: [s.n.], 2016.

78 p.; 14x21cm.

ISBN: 978-85-5697-157-9

1. Espiritismo 2. Espiritualismo 3. Filosofia. 4. Psicologia. I Título.

Aos meus filhos, por estarem comigo nesta caminhada.

POEMA DE FÉ

Entrega-te ao trabalho e confia. Surgirão inúmeros motivos para abandonares o caminho que traçastes para ti. Não te iludas, nem temas; inicia a caminhada e avança.

Caminha, procurando a cada instante perceber os sinais que te irão conduzindo a ti, tal qual luz a te indicar o caminho. Ora para que estes sinais se te revelem e que tu os possa perceber com o coração e a mente límpida.

Aprende a amar o trabalho solitário que realizas enquanto ninguém vê. E quando o teu coração estiver sereno e humilde, sem medos e apreensões, então, encontrarás a fé que não imaginavas possuir; a força que não supunhas ter; e a paz que nunca acreditastes merecer.

Crê e vencerás!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
SOMOS DEUSES.....	20
A FELICIDADE REAL.....	31
O DOM DE DEUS EM NÓS.....	47
A REALIDADE DOS SONHOS.....	54
A ILUSÃO MATERIALISTA.....	64
A ESCOLA TERRENA.....	69
ESTAMOS TODOS APRENDENDO.....	74

INTRODUÇÃO

Haverá momentos em que te sentirás completamente à deriva, mesmo que estejas completamente certo do que precisas fazer.

Então, mantém acesa a chama da esperança e segue trabalhando, pois todo tempo sem rumo precede ao encontro da fé.

Eu já havia dado como concluído este pequeno livro e, inclusive, escolhido outro título quando, fazendo as últimas correções já no adiantado das horas, fui surpreendido por uma dessas perguntas que às vezes nos chega inesperadamente, como se escapassem de algum lugar em nosso íntimo e viessem até nós com o intuito claro de nos provocar e suscitar reflexões que, sinceramente, nem sempre estamos ávidos por fazê-las.

Deus pra quê? Essa pergunta chegou-me de uma forma tão inesperada e aflita que me pareceu como um grito preso que acabara de soltar-se de algum calabouço existente nos porões de minha alma, e ecoasse por todo o meu continente de dúvidas.

Confesso que a primeira coisa que fiz foi tentar, discretamente, introduzir uma vírgula após “deus”, o que possivelmente daria à pergunta um sentido mais polido, talvez, quem sabe, até um contorno mais filosófico, menos agressivo. Mas logo percebi que se assim o fizesse estaria mudando-lhe completamente o sentido e, certamente, o seu objetivo.

É claro que eu, como, aliás, quase todo mundo, já fiz e continuo fazendo minhas próprias indagações a respeito da existência de “Deus” e de como lidarmos com este que é para mim o maior e o mais importante mistério da vida. Mas, “Deus pra quê?”, assim sem vírgula, me veio de uma forma tão destemida, tão pura, e de certa forma, tão necessária, que imediatamente percebi que se tratava de algo bem mais importante que uma simples pergunta e que, portanto, exigiria de mim, também, algo bem mais que uma simples resposta – talvez, quem sabe, algo como um testemunho -, além de está claramente relacionado ao próprio livro, o que me fez deduzir, também, que o mesmo ainda não estivesse concluído. E não estava.

Já era madrugada e eu havia passado praticamente todo o dia debruçado sobre os últimos acertos necessários à conclusão do livro, e por isso, resolvi que só ao amanhecer dedicaria algum tempo para refletir sobre aquela pergunta meteórica que de certa forma parecia ter desabado sobre mim. Deitei-me exausto; mesmo assim não resisti e comecei a esboçar as primeiras reflexões sobre o acontecido, ainda impressionado com a forma até certo ponto atrevida como a pergunta me chegara, mas, principalmente, por considerar-me ainda mais atrevido, por não querer colocar de uma vez por todas a maldita vírgula depois de “deus”, o que daria por encerrado aquele assunto e o próprio livro; mas, adormeci embalado por essa teimosia, e ao mesmo tempo, por uma deliciosa sensação de paz, e de que algo em mim havia-se libertado.

Quando nos perguntamos “Deus, pra quê?”, por mais que ainda nos sintamos horrorizados em possuir tal dúvida, encontramos na vírgula uma espécie de intercessor que – parece -, nos livrará de cometer tamanho “pecado”. A vírgula acaba por amenizar nossa culpa e tenta nos convencer de que estamos a realizar, no máximo, uma indagação, embora audaciosa, compatível com o nosso estágio intelectual. Mas se retirarmos a vírgula, torna-se bem mais difícil justificar tal “heresia” sem nos sentirmos “desmerecedores” da compaixão que o próprio “deus” possa nos ter daí por diante.

Mas, omitir tal dúvida da lista de nossas mais perigosas inquirições não resolve o problema e eu estava certo de que era assim mesmo que eu a iria manter e, mais que isso, que eu precisava responder a esta pergunta da forma mais corajosa e honesta possível e aceitar a resposta que verdadeiramente viesse de mim.

Este pequeno livro, embora simples e desprovido de rigores filosóficos e literários, busca ser, apenas, uma humilde ferramenta de reflexão sobre a nossa relação com aquilo a que nos acostumamos a chamar de “deus” e de “fé”, e sobre o porquê de termos abdicado da liberdade de fazermos as nossas próprias indagações e de chegarmos às nossas próprias conclusões sobre nossas dúvidas mais legítimas, para assumirmos posições alheias, prontas, resultando quase sempre em um comportamento intelectual hipócrita, acanhado, mesquinho, abrindo mão, assim, do direito sagrado de nos

valermos de nossa própria consciência para advogarmos em favor de nossas próprias causas.

Além disso, busca incentivar-nos, de alguma forma, a refletirmos sobre a necessidade de investirmos em comportamentos que nos estimulem a uma vivência mais comprometida com o despertar de nossas potencialidades inatas, nosso único e verdadeiro patrimônio, amealhado através das incontáveis experiências adquiridas desde que saímos “simples e ignorantes” das mãos do Criador.

Também nos convida a realizar, incessantemente, novas e corajosas perguntas, a fim de obtermos, quando possível, as respostas que nos facilitem alcançar uma maior compreensão sobre o que somos e sobre qual o papel que nos cabe desempenhar nesse enredo através do qual se descortina a nossa própria vida, e que se revela ao longo de nossa caminhada em busca da paz verdadeira e inabalável, e cujo mapa que nos leva ao tão desejado tesouro vai se revelando aos poucos, a cada passo, a cada erro, a cada acerto, a cada derrota, a cada vitória e a muitos recomeços.

Por isto mesmo, tão importante como as perguntas - das quais precisamos nos servir não para simplesmente satisfazer a curiosidade fugaz sobre os nossos infortúnios, mas para fortalecer a fé em nossos mais honestos propósitos -, são as respostas, para que possamos recebê-las de uma forma translúcida, evitando o quanto que possível os nossos “a

priores”, medos e receios, nos permitindo ser beneficiados pelo novo, pelo que surge para além de nossas rígidas convicções ou de nossas acanhadas compreensões, sem abirmos mão da nossa subjetividade que nos orienta e nos diferencia, porquanto dá a cada um de nós a tonalidade e os contornos próprios de nossa “personalidade”.

Durante a sua longa caminhada, a humanidade alcançou em diferentes momentos a capacidade de despertar para “novas” e decisivas indagações. E elas não se tornam disponíveis antes que estejamos prontos para ouvir-lhes as respostas, simplesmente porque de nada nos adianta o conhecimento para o qual ainda não estamos potencialmente aptos para utilizá-lo. E o conhecimento, seja ele qual for, é a matéria prima da transformação. O alimento da alma.

Assim, saber o que realmente somos como, também, qual a nossa relação com esse “deus” a quem mais tememos do que amamos, e com essa “fé”, que tanto nos fortalece como nos faz duvidar, é dúvida cada vez mais presente e crescente em nossos corações, que não nos faculta apenas à obtenção de novos conhecimentos, mas, também, nos remete aos desafios necessários a novas transformações.

Olhando, superficialmente, “Deus, pra quê?” e “Deus pra quê?”, sem a vírgula, podem até parecer uma mesma pergunta, mas não são.

Uma nos remete a um “deus” da filosofia, das escrituras, das religiões. Um “deus” das nossas fantasias, distante, que nos observa com a ponta dos dedos; um “deus” das nossas “heresias”, temido, mas, insignificante. A outra nos remete a um “Deus” da nossa experiência, do nosso dia-a-dia; um “Deus” das nossas incertezas, das nossas desconfianças, um “Deus” das nossas fraquezas e superações; um “Deus” tão próximo de nós e tão presente que é simplesmente impossível retirá-lo de nossas vidas. Um “Deus” tão íntimo e tão cúmplice, e com o qual nos sentimos absolutamente à vontade para aceitá-lo sem abrir mão de nossas convicções.

Na primeira encontramos as respostas que a nossa ignorância, os nossos medos e a nossa covardia possam nos proporcionar; na segunda, apenas aquelas a que a nossa própria experiência possa nos revelar. Na primeira alimentamos uma fé idealista, ilusória, mística; na segunda, uma fé raciocinada, límpida, nascida da experiência adquirida nas muitas “vidas” e “mortes” vividas em nossas vidas.

Este simples contributo que compartilhamos agora com todos, nada mais é que um convite para, unidos em sentimentos, pensamentos e ações em torno da proposta do Cristo, trabalharmos para a superação de nossa inércia e de nossas “inconformidades”, através do autoconhecimento e da autorrealização, práticas indispensáveis à nossa transformação e à transformação do mundo.

Para tanto, embasamos nossa modesta contribuição na confiança inquebrantável de que somos a própria manifestação desse “Deus” presente em cada um de nós, em nossos corações, em nossa inteligência, em nossa intuição e em nosso amor. Esse “Deus” presente em toda a Natureza. Este “Deus” onipresente que nos torna a todos “deuses”, como nos asseverou o Mestre! Nós e tudo o que existe no universo (ou fora dele), e que, portanto, nos torna filhos, não de um “deus” humano ou sobre-humano, que nos observa e nos dirige os destinos, mas de um “Deus” que é de fato a única coisa que existe, a única realidade, e que se manifesta através de nós e em nós, em cada ser, em cada átomo, em cada pensamento, em cada sentimento, através de suas infinitas formas e em suas infinitas dimensões; um “Deus” que não apenas dá a vida, mas que é a própria vida.

Ignorantes quanto à beleza e ao poder de nossa própria individualidade e arredios à nossa “personalidade” inata – aquela que precisamos deixar florescer para que possamos desenvolver as competências e habilidades ainda necessárias – seguimos afastados de nós mesmos, privando-nos dos recursos adquiridos ao longo de nossa vasta e árdua caminhada.

Portanto, nossa contribuição nesse instante, enquanto caminhamos nossa estrada de Damasco, não se dirige diretamente àqueles que já se encontram interiormente motivados e confiantes na proposta de libertação interior, apresentada por Jesus e por tantos outros Mestres, nem aos que se encontram completamente descrentes dessa proposta, posto

compreendermos que cada um está em sintonia com aquilo que lhe é mais necessário no momento.

Dirigimo-nos àqueles que, embora já se sintam “chamados” ao trabalho de renovação, encontram-se, como nós, ainda, profundamente aflitos, mas, já experimentando os primeiros sinais de confiança na intuição que desabrocha com a depuração dos próprios sentidos, e que nos possibilita abrir os olhos e os ouvidos para a realidade do Espírito e da vida espiritual.

Mesmo que nesses primeiros instantes o que possamos “ouvir” ainda sejam os “ruídos” de nossos próprios conflitos, e o que “vemos” seja um horizonte distorcido pelo nosso distanciamento nas vivências do “bem”, esses “sinais” já nos chamam a atenção para um novo caminho, para uma realidade completamente nova, e que por mais que ainda não a compreendamos claramente, podemos senti-la como sendo um novo ponto de partida; um renascer; uma nova forma de sentir e de viver, agora essencial em nossas vidas.

Por isso mesmo, ao apresentarmos esta modesta contribuição, nosso único objetivo é o de compartilhar de uma forma simples e despreziosa nossas reflexões, surgidas a partir de experiências vividas ao longo dessa jornada, em momentos e situações distintos, parecendo fatos isolados, mas na verdade, intimamente relacionados, e voltados, exclusivamente, ao despertar espiritual, meu e daqueles que fazem parte comigo dessa longa caminhada.

Nossa proposta não é, portanto, apresentarmos aqui nenhuma receita para a iluminação de quem quer que seja. Pelo contrário, apresentamos nossas modestas reflexões cientes de que ainda estagiamos em patamares de profunda ignorância e inquietação. Mesmo assim, já nos sentimos aptos a oferecer nossa modesta contribuição àqueles que se sintam de alguma forma identificados e tocados por nossos pensamentos e sentimentos, e, desta forma, queiram juntar-se a nós, conscientes de que, apesar de serem inúmeras as dificuldades a serem superadas à nossa frente, já é intensa e atuante em nós a força que nos motiva e impulsiona em direção a nossa mais ousada conquista: a nossa própria libertação.

É, portanto, através desse nosso ponto de vista em relação a esta “Fé”, através da qual nos mantemos ligado, conscientemente, a essa Consciência Suprema a qual chamamos de “Deus”, e a partir das experiências vividas nesse ambiente de “Fé”, que temos conseguido nos tornar, aos poucos, e a cada dia, um pouco mais tranquilo tanto em relação ao nosso modo de ser - nem sempre tão agradável e sereno -, como, também, em relação aos tempos difíceis para os quais temos sido “chamados” a viver e a dar o nosso testemunho diante dos desafios misericordiosamente colocados à nossa frente, acreditando que é aqui, enquanto Espíritos encarnados, que deveremos “transformar” as nossas “dificuldades” em fontes de sabedoria para a correção de nossos próprios rumos.